

Volcker pede um plano econômico ao Brasil

Washington — O Brasil "tem condições para converter-se numa das primeiras potências econômicas mundiais", porém, imediatamente "deve propor um programa econômico com credibilidade" para resolver o problema de sua dívida externa. A afirmativa é do presidente do Banco Central dos Estados Unidos, Paul Volcker, que considera ainda que o governo do Brasil "deve ganhar a confiança da comunidade internacional, além da dos próprios brasileiros, pois uma política econômica de êxito depende "de relações comerciais e financeiras exteriores sólidas e harmoniosas".

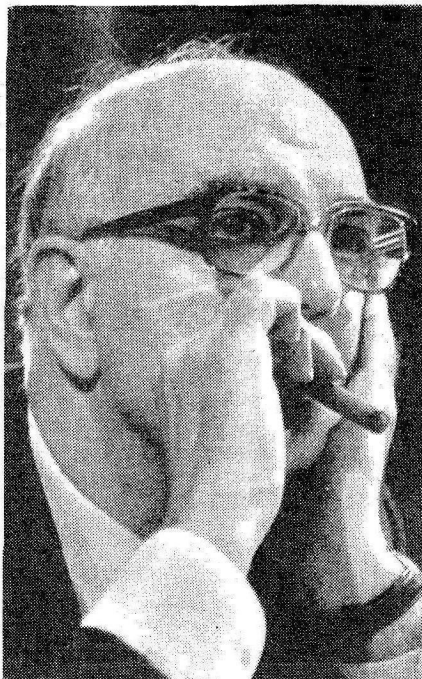
O presidente do Banco Central passou em revista os principais problemas econômicos internacionais durante uma audiência da Comissão de Bancos do Senado, convocada ao mesmo tempo em que se realiza em Washington as reuniões de primavera do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

Longamente interrogado sobre a situação criada pelo não-pagamento de juros de sua dívida. Iniciado pelo Brasil no dia 20 de fevereiro. Volcker disse que a indispensável regularização dos pagamentos exteriores do Brasil exigirá esforços concentrados; completando que "a chave da solução está claramente nas mãos das autoridades brasileiras".

Esforços

Volcker disse que os esforços realizados por numerosos países endividados nos últimos anos se traduziram em progressos notáveis, fazendo um apelo aos bancos internacionais para que apoiem esses esforços, reabrindo seus créditos ao Terceiro Mundo.

A propósito, a ele lembrou que os bancos comerciais virtualmente se fecharam a novos empréstimos aos 15 países mais endividados em 1985 e



Volcker: "maior credibilidade"

1986.

"Os países mais endividados tem necessidade de contar com um financiamento exterior para sustentar programas econômicos e principalmente para assegurar um nível adequado de investimentos", disse Volcker, completando que os bancos internacionais questionam a amplitude e eficácia desses esforços dos países devedores, como desculpa para não conceder-lhe novos empréstimos.

As declarações de Volcker coincidiram com revelações em meios financeiros sobre sérias divergências entre os bancos para completar o pacote de novos empréstimos de 7,7 bilhões de dólares ao México, endos-

sado pelo FMI desde outubro de 1986.

Os documentos para esse empréstimo foram assinados no dia 23 de março, em Nova Iorque, mas, segundo fontes bancárias, sua retirada está sendo comprometida porque muitos bancos se negam a subscrever a totalidade da parte que lhes corresponde.

Pagamento

O primeiro desembolso, de mais de 3 bilhões de dólares, deveria ocorrer na próxima sexta-feira, mas fontes bancárias consideram "incerta" esta possibilidade.

A questão da relutância dos bancos em reiniciarem seus empréstimos aos países mais endividados foi um dos pontos mais destacados pelos países do Terceiro Mundo nas reuniões do FMI e Banco Mundial: "Se não houver novo financiamento, também haverá estímulos para continuar pagando. A reticência dos bancos está se convertendo no tótem do Plano Baker", disseram os delegados latino-americanos que participam da reunião do Grupo dos 24, que representa os países em desenvolvimento da África, Ásia e América Latina nas deliberações do FMI.

Proposto em outubro de 1985, o Plano Baker baseia-se no aumento do financiamento aos 15 países mais endividados, como apoio a reformas orientadas para um crescimento econômico estável.

Uma fonte norte-americana confirmou as queixas de Volcker sobre a relutância dos bancos comerciais, mas considera que seja algo temporário e que os créditos voltarão ao normal. Sobre a questão do México, considera que "os bancos foram mais lentos do que o esperado" e que "faz falta uma maior flexibilidade".